Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

Ñ Baldus

SÉRIE A — CADERNO N. 2

Pe. JOAQUIM CHAVES

Do Centro de Estudos Piauienses — Da Academia Piauiense de Letras
Do Instituto Histórico e Geográfico do Piauí

O ÍNDIO NO SOLO PIAUIENSE

(Ensaio de monografia histórica)

Publicação do Centro de Estudos Piauienses
1953

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

SÉRIE A — CADERNO N. 2

Pe. JOAQUIM CHAVES

Do Centro de Estudos Piauienses — Da Academia Piauiense de Letras
Do Instituto Histórico e Geográfico do Piauí

O ÍNDIO NO SOLO PIAUIENSE

(Ensaio de monografia histórica)

Renato Nicolai

LIVRARIA BRASILEIRA LTDA.
Compramos Livros Usados
Av. Rio Branco, 156 - Sobreloja 229
Tels.: 262-2501 — 262-4789

Publicação do Centro de Estudos Piauienses
1953

Nihil obstat

Pe. José B. Cortez

Centro Arquidiocesano

Pode ser impressa

Teresina, 18 de julho de 1953

† SEVERINO, *Arcebispo de Teresina*

A primeira notícia pormenorizada e segura que possuímos sôbre as condições de povoamento, no Piauí, em fins do século XVII, nos foi dada pelo Pe. Miguel do Couto, no precioso documento que Ernesto Ennes publicou em "As Guerras nos Palmares", intitulado — "Descrição do Sertão do Piauí, remetida ao Ilmo. Revmo. Sr. Frei Francisco de Lima, Bispo de Pernambuco". Serafim Leite reputa êste documento como da mais notável importância para a primitiva história do nosso Estado.

Isto aqui era um fim de mundo. Procurando, com os escassos elementos que possuía, dar a posição exata da nóvel povoação de Nossa Senhora da Vitória do Piauí, única existente em todo êste imenso sertão, assim se expressava o Pe. Miguel: "Está a povoação do Piauí situada a 3 graus para a parte do sul, no meio do sertão que se acha entre o rio S. Francisco e a costa do mar, que corre do Ceará para o Maranhão, da qual distará, pelo caminho sabido, 80 léguas. Confina pela parte do nascente como os sertões desertos que correm para Pernambuco, pelos quais se não tem descoberto caminho, nem se vadeiam, em razão dos muitos gentios bravos que neles habitam, e só se tem chegado pela parte desta povoação a avistar uma serra chamada o Araripe, que dizem ser muito alta, e que na Superfície tem de plano 50 léguas; de uma e outra parte está rodeada de várias nações de tapuias bravos.

Para o poente confina com os matos desertos que correm para as Indias de Espanha, pelos quais não há caminho, nem se sabe de seu fim; por êles dentro têm chegado algumas tropas de Paulistas a avistar grandes rios, entre os quais se contam o do Grão-Pará, Parnaíba, Gurguéia, Paraim, que todos correm para o norte; e na mesma altura

acharam o Rio Grande e o Rio Preto, grandes e caudalosos, que correm para o sul, e se metem no rio de S. Francisco, 500 léguas no sertão, acima de sua barra... Êstes rios estão no sertão povoados de muitos tapuias bravos, valentes e guerreiros...

Para a parte do norte confina esta povoação com a costa do mar, correndo do Ceará para o Maranhão, para a qual tem dois caminhos, abertos ambos em o ano de 95; um vai ao Maranhão e outro à serra da Guapada, à qual têm ido moradores, e em companhia de alguns vieram os Padres da Companhia de Jesus, que nela assistem, fazer missão a esta povoação em o mês de dezembro próximo passado de 96, e se recolheram à serra em janeiro de 97... (1) O documento é datado de 2 de março de 1697.

Era tudo o que sabiam as autoridades a respeito do Piauí: uma imensidão quase desconhecida, imprecisa, sem limites definidos, povoada de tapuias bravos, lutando uns contra os outros, e contra o branco usurpador.

Êste imenso território será ainda uma simples comarca do Maranhão, em 1715.

PIAUÍ, CORREDOR DE MIGRAÇÃO

O Piauí é uma ponte bem definida ligando duas regiões distintas da América do Sul. Ocupa um lugar na extensa faixa de campos e florestas que se estendem de norte a sul, entre o Oceano e a beira oriental do grande planalto brasileiro. Nêle demoram os campos mais setentrionais de tôda a América meridional. A variedade de clima denuncia-lhe o caráter de elemento de transição entre duas regiões bem diferenciadas. "Ao norte, o clima é quente e sêco. A canícula no verão é debilitante, sendo as noites refrescadas pelos ventos oceânicos, que pouco vão ao sul de Teresina. Ao sudeste, predomina o clima da região do medio S. Francisco. As noites são frias, de maio a agôsto, para logo depois aparecer o calor rigoroso da estação das águas do nosso interior. Ao sudoeste, porém, o aspecto climatérico vai se mudando, à proporção que se avança para os limites mara-

(1) "As Guerras nos Palmares", pág. 371.

nhenses: os invernos são regulares, a umidade é quase nula, e nas noites de verão já se experimenta a sensação do frio do interior goiano.

Dêste conjunto de aspectos resulta que o bloco das três zonas constitutivas do Estado — norte, sudeste e sudoeste, representa o intermediário dos climas opostos das bacias do S. Francisco e do Amazonas. O rio Parnaíba é o eixo geográfico dessa divisão até a foz do seu afluente — o Gurguéia, e êste o completa para o sul.

O observador que subir o Parnaíba da barra das Canárias até Sta. Filomena encontrará traços da primeira até a barra do Gurguéia, e para cima os da segunda.

Pouco além da barra do Gurguéia debuxam-se as primeiras manifestações da exuberância da bacia amazônica, ao passo que para baixo estamos às vezes em contacto com o desolador quadro da tristíssima região sêca do nordeste. (2)

Esta configuração determinou, sem dúvida, a transformação dêste vasto território num corredor de migração para as tribus selvagens, que se deslocavam da bacia do S. Francisco e do litoral nordestino para a bacia do Amazonas e vice-versa. Aqui endosso a opinião de Odilon Nunes, um dos maiores conhecedores da História do Piauí.

Tupis, Tapuias e Caraíbas, em guerras e contínuas migrações, pisaram o solo piauiense, cruzando-o nos dois sentidos. Na hora da conquista, só não foram encontrados representantes do grupo aruaque.

ÍNDIOS DO SOLO PIAUIENSE

Nômade por natureza, sempre em busca de alimento nos rios, nas matas e nos campos, imigrando constantemente por causa das guerras contínuas, é difícil e quase impossível situar, com precisão rigorosa, o indígena no solo piauiense. Podemos, entretanto, fazê-lo, à luz de documentação escassa, em determinados períodos de tempo, mormente nos lances da conquista. Fora disso, qualquer afirmação seria mera fantasia. Uma tribu que hoje estava no médio Par-

---

(2) Agenor Miranda.

naíba, poderia amanhã se deslocar para o rio do Sono, já no interior de Goiás.

Feita esta ressalva necessária, vamos situar as nossas tribus, tanto quanto possível, valendo-nos do testemunho dos exploradores que com elas se bateram em guerras de conquista e extermínio.

Os Tremembés, exímios nadadores e valentes guerreiros, dominavam o baixo Parnaíba e seu delta.

Na Chapada das Mangabeiras e no alto Parnaíba assistiam os Aroaquizes, os Carapotangas. Um pouco mais abaixo, os Aroquanguiras, Copequacas, Cupicheres, Aranhezes, Aitetús e Corerás.

No médio Parnaíba, os Abetiras, os Beirtás, Coarás e Nongazes.

Nas cabeceiras do Gurguéia ficavam os Acoroás, os Rodeleiros e os Beiçudos. Na extensão dêste rio, os Bocoreimas, os Corsiás e os Lanceiros.

Os Anassús e os Alongazes, na Serra da Ibiapaba. Os Aruazes, no riacho Sambito. Os Ubatês, Moatans, Janduins, Icós e Urirês, na Serra do Araripe.

Os Araiés e Acumês, nas cabeceiras do rio Piauí.

Os Coaratizes e os Jaicós, no vale do Gurguéia.

Os Cupinharós, no Canindé. Os Precatizes, no Uruçuí. Os Putís, na foz do Rio Potí. Os Aranhins e Crateús, nas suas cabeceiras. Os Pimenteiras, nos limites com Pernambuco. Os Gueguês, na região central do Estado.

Os Gamelas, Genipapos e Guaranís, que durante algum tempo vagaram pelas margens do Parnaíba, retiraram-se seguidos dos Cabuçús, Muipuras, Aitatús, Amoipirás e Ubi-se para o Maranhão, logo após o levante de 1713. Foram rajaras, que habitavam as margens do Gurguéia e do Uruçuí, nos limites do Maranhão e de Goiás.

Como representantes da raça Tupí, demoraram no Piauí, durante algum tempo, os Amoipirás. A respeito dêstes selvagens sabemos que descendiam dos Tupinambás do litoral baiano. Batidos em repetidas guerras pelos ferozes Tupinaês, fizeram a sua retirada para o sertão, capitaneados por um tal Amoipirá, de quem tomaram o nome. Estabeleceram-se na margem oriental do S. Francisco e povoaram todo o in-

terior para o norte dêste rio, conquistando-o em duras refregas ao tapuia bravo que o habitava. Os homens da tribu traziam o cabelo da cabeça copado e aparado ao longo das orelhas, e as mulheres usavam o cabelo comprido, como as tupinambás. Não tendo anzóis, nem ferramenta de espécie alguma, pescavam com espinhos e de arco. Tinham os beiços furados e se pintavam de genipapo. Durante algum tempo combateram os Ubirajaras, tapuias ferozes, de língua inteiramente desconhecida.

Os Pimenteiras constituiam a avançada mais oriental da migração **caraíba.**

Os Tremembés pertenciam à raça dos **cataguás.**

As demais tribus já mencionadas eram de tapuias legítimos, isto é, indígenas de "línguas travadas", bons cantores, hábeis frecheiros, dextros corredores e valentes na guerra.

AS GUERRAS DA CONQUISTA

Até que se nos prove o contrário, continuamos a acreditar que o primeiro homem branco que hostilizou o nosso índio, no seu próprio habitat, foi o sertanista Domingos Jorge Velho. Êle aqui chegou por volta de 1662. Até o S. Francisco a sua rota foi a das bandeiras do seu tempo. A geografia parecia indicar a direção do movimento expansionista de S. Paulo. "Por uma curiosa anomalia os cursos de água da região de S. Paulo ao Paraná correm do litoral para o interior, como se houvessem sido predestinados a conduzir para alí os aventureiros. O mais difícil era galgar a cadeia de serras costeiras. Uma vez lá em cima, a extensão dos planaltos convidava a marchar pela sua superfície, sôbre a qual os rios não cavam vales profundos, e contentam-se de saltitar através dos rápidos e dos escolhos. As elevações continuam a se superpôr pelo lado de leste, na direção de Minas Gerais. Mas alí também se abrandam gradualmente, e os rios acompanham o sentido dessa descida progressiva, inda que relativa, desde que o interior não cessa de oferecer elevações e declives, prolongando-se pelos vastos planaltos do norte. Êsses rios correm, uns em declive para o Oceano, e outros conduzem à bacia do S. Francisco, que é

o rio histórico por excelência do Brasil, que não se desvia bruscamente para a costa senão depois de haver posto os pioneiros no caminho dos campos que se desdobram a perder de vista, de Pernambuco e do Piauí". (3)

Foi êste, certamente, o caminho tomado por Domingos Jorge Velho e sua bandeira, em busca do norte.

Mas, por onde entrou no Piauí? Até agora não foi descoberto nenhum documento que nos possa elucidar esta questão. Como êle próprio declara que esteve nas margens do Potí e do Parnaíba, é provável que tenha entrado pela depressão da Serra Grande, por onde passa o rio Potí para o nosso território. Perseguindo alguma tribu, transpôs a Serra Grande por caminhos que só os selvagens conheciam e seguiu, depois, o curso do rio, sempre naquela sua diuturna luta contra o gentio bravo, comedor de carne humana, como êle próprio o declara.

Aqui ficou, desbravando a terra, aprisionando selvícolas, plantando e criando, 24 ou 25 anos, até que, a convite do Governador Geral, João da Cunha Souto-Maior, abandonou tudo e desceu com o seu terço de infantaria para desbaratar os negros rebeldes de Palmares. A descida se deu no ano de 1687.

Barbosa Lima Sobrinho, no volume 235 da "Brasiliana" — O DEVASSAMENTO DO PIAUÍ, apresenta uma série de razões pelas quais não sòmente se arrebata ao intrépido bandeirante a primasia da conquista, como até mesmo se põe em dúvida sua estada no solo piauiense. Argumenta o ilustre historiador pernambucano assim:

a) — "As cartas de sesmarias no Piauí, embora feitas em benefício dos aproveitadores, não esqueceriam e não desprezariam os chefes de tropa estacionados na região conquistada". E elas não falam nos chefes do terço paulista.

b) — "Documentação de 1687 a 1690 afirma que Domingos Jorge Velho saiu da Vila de S. Paulo para a guerra dos Palmares". De S. Paulo, e não do Piauí.

c) — "As patentes concedidas ao Mestre de Campo e a seus cabos não mencionam tribus do solo piauiense".

---

(3) Formação histórica da nacionalidade brasileira", pág. 79.

d) — "Os capitães das entradas de exploração do rio Parnaíba, entre 1676 e 1679, não fazem a mínima alusão à presença do terço de infantaria de Domingos Jorge Velho nas suas margens. Êles levaram meses subindo o curso do rio. Como poderiam ter navegado tanto, em constante conversação com o gentio, sem ter notícia de uma tropa que se deveria encontrar alí desde alguns lustros ?"

e) — "Se os paulistas, durante 24 ou 25 anos, estiveram no Potí e no Parnaíba, topando bandeira ao gentio bravo, era de se esperar que, com êsse esfôrço, a região ficasse mais ou menos desimpedida. Entretanto, assim não sucedeu. A região do Potí foi das últimas conquistadas aos selvícolas".

f) — "O requerimento de sesmaria da viúva de Domingos Jorge Velho e oficiais de seu terço, especificava que as concessões de terras deveriam ser demarcadas "desde as nascentes do dito rio Potingh, ou Camarões, até onde se mete naquele do Parnaíba, com três léguas de largura de uma e outra banda". O rio Potí, afluente do Parnaíba, realiza um percurso calculado de 660 quilômetros, ou 110 léguas. Se aquelas sesmarias fossem nesse rio, cobririam uma área de cerca de 24.000 quilômetros quadrados, numa época em que já se começara a reagir contra as doações exageradas".

Em que pese todo o respeito e acatamento que devemos ao ilustre e grande historiador pernambucano, interessado na História do Piauí, pedimos vênia para discordarmos dêle em todos êsses pontos e chegarmos a conclusões diferentes das suas. Vamos por parte:

a) — A primeira objeção de Barbosa Lima se baseia num pressuposto gracioso. Não é absolutamente necessário que as cartas de sesmarias, no Piauí, nomeiem a Domingos Jorge Velho e seus capitães, para que se possa provar que êles aqui estiveram, de fato. Muitos exploradores não requeriam sesmarias, ou porque não lhes interessava a posse definitiva da terra conquistada ou porque ninguém lhes contestava uma tal posse. Quando esta última alternativa se verificava, então, recorriam aos tribunais competentes, e mais frequentemente à luta armada, em campo aberto, com o caviloso usurpador. Se isto ainda hoje se verifica em ques-

tões de terra, apesar do alto grau de civilização que já atingimos e da facilidade em recorrermos a tribunais que estão na beirada da casa, com maioria de razão acontecia naquela época de conquista rude, em lugares desconhecidos e selvagens, e com tribunais a centenas de quilômetros das zonas de litígio. Garcia de Ávila, Domingos Afonso Sertão e seus companheiros, os primeiros que requereram sesmarias no Piauí, o fizeram em zona diferente da de Domingos Jorge Velho. Provàvelmente não teriam nenhum interêsse em brigar com o velho bandeirante e seus soldados, mesmo porque, a darmos crédito a alguns historiadores, amargas experiências já os tinham convencido de que o paulista era homem duro e muito experiente nêste gênero de luta sertaneja.

Quando os pedidos de sesmarias avançaram para o centro, e para o norte, já Domingos Jorge Velho havia descido para a guerra dos Palmares, e, parece, não mais se interessava pelo Piauí. Contudo é certo que em 1704 sua viúva requereu sesmaria no solo piauiense.

b) — A favor de nossa tese de que Domingos Jorge Velho saiu do Piauí para Palmares, a chamado do Governador Geral, militam vários documentos irrefutáveis. Vejamo-los:

1) — O pedido de carta de sesmarias da viúva do Paulista, Da. Jerônima Cardim Frois, e dos oficiais do seu terço, resa: "...o mestre de campo e subalternos oficiais tinham erigido para sua morada o rio Potingh, que quer dizer rio ou água de camarões e o Parnaíba e... nêles tinham feito suas povoações com suas habitações, com suas criações tanto vacum, como cavalares ou ovelhum e cabrum, etc. e faziam suas lavouras e assim têm seus domicílios vinte e quatro ou vinte e cinco anos, topando bandeiras ao gentio bravo para onde as ocasiões o pediam, defendendo assim... que o dito gentio intentavam contra as outras povoações dos brancos, dando por êste meio lugar a que entrassem a povoar, como com efeito entrou e povoou todo o Piauí e Canindé em companhia da Casa da Tôrre de Garcia de Ávila e defendendo as fronteiras do Maranhão, e ficara até que por parte de S.M.

foi o dito Domingos Jorge Velho chamado e requerido do Sr. Governador João da Cunha Souto-Maior, antecessor de V.S. de descer com a dita sua gente e oficiais, em estado de guerra, aos negros fugidos e rebeldes dos Palmares, que insultavam, invadiam, roubavam, violavam e assassinavam os brancos em tôdas capitanias de Pernambuco, como com efeito Domingos Jorge Velho desceu com ao redor de 1.300 arcos do seu gentio e cerca de 80 brancos... a qual descida foi no ano de 1687..."

2) — A carta de Domingos Jorge Velho, de 15 de julho de 1694 diz: "...ao chamado de V. M. e do seu Governador João da Cunha Souto-Maior eu desci do Piaguí aonde eu estava aposentado como já atraz tenho dito". Atraz êle dissera: "...me fizeram largar a mim e a elas (as tropas) o domicílio que a poder de uma porfiada e diuturna guerra contra o gentio brabo e comedor de carne humana, de mais de dezesseis anos, nós tínhamos conquistado, povoado, lavrado e plantado, com nossas criações, e tudo deixamos para virmos servir a V.M. na guerra para que o dito Governador nos chamou..."

3) — A carta do Governador João da Cunha Souto-Maior, de 11 de março de 1687 diz: "... tive notícia que uns homens da Vila de S. Paulo se achavam no sertão do rio de S. Francisco, ocupados com seus esquadrões na acostumada conquista dos gentios; mandei-os chamar..."

Claro que êstes homens eram os mesmos que do Piauí desceram para atender ao chamado de Souto-Maior, isto é, Domingos Jorge Velho e seu terço de infantaria.

4) — A resposta da Junta de Governadores Interinos do Brasil, datada de 28 de fevereiro de 1676, ao Capitão Francisco Dias de Ávila que lhes dava notícias dos Paulistas que estavam no Iguaçú (Parnaíba).

Que paulistas seriam êstes, senão os de Domingos Jorge Velho?

Em defesa da tese contrária, Barbosa Lima Sobrinho enfileirou vários documentos:

a) — A patente de governador do terço de infantaria a favor de Domingos Jorge Velho, que ia à conquista dos bárbaros do Rio Grande, datada de 1688.

b) — A carta de Matias da Cunha, Governador do Brasil, a Domingos Jorge Velho, datada de 13 de outubro de 1688.

c) — Uma carta do sucessor de Matias da Cunha no govêrno geral, o Arcebispo D. Manoel da Ressurreição, para os oficiais da Câmara de S. Paulo, datada de 30 de novembro de 1688.

d) — Uma outra carta da mesma autoridade para o Capitão-Mor Pedro Aranha Pacheco.

e) — A patente de coronel do terço paulista passada em favor de Antônio Cubas, invocando como prova de mérito e atestado de serviços a viagem de S. Paulo para os Palmares.

f) — O alvará de reformação dos postos de guerra do Rio Grande, datado de 4 de março de 1690.

Em todos êstes documentos (e nalguns outros da mesma natureza) se diz que Domingos Jorge Velho viera para os Palmares saindo da Vila de S. Paulo, da Capitania de S. Vicente.

Como se vê, há um choque de documentação: uma que diz que Domingos Jorge Velho saiu do Piauí para Palmares, em 1687, e outra que diz que o paulista veio de S. Paulo para Palmares, em 1688. Não podemos anular uma documentação pela outra. Procuremos, pois, conciliá-las.

A documentação que dá a vinda do paulista de S. Paulo para a Serra da Barriga é tôda ela datada dos fins de 1688 para diante. O contrato com o Governador Souto-Maior foi assinado em 3 de março de 1687. A carta de Matias da Cunha, por exemplo, que dá como procedência a vila de S. Paulo, é datada de 13 de outubro de 1688. Entre uma e outra data medeiam um ano e sete meses, tempo mais que suficiente para as duas viagens, mesmo se levar-

mos em consideração que já em agôsto de 1688 os paulistas estavam combatendo o gentio rebelado do Rio Grande.

Que teria ido fazer o bandeirante em S. Paulo? Até que novos documentos conciliem definitivamente os já descobertos, ambos os lados podem seguir fazendo as suas conjecturas na harmonização dos mesmos. Pensamos que lá foi o paulista recrutar mais tropas. Diz um dos documentos, já citados, que na viagem do Piauí "o terço perdera 130 pessoas de fome e miséria, 63 de doença e fugidos mais de 200, que não se atreveram a tanta miséria". Vemos, assim, que o Mestre de Campo perdeu mais de 400 homens, o que representa quase um terço do efetivo de suas tropas. E isto antes de entrar em combate com o inimigo. Em Pernambuco êle teve um conhecimento seguro da real situação da guerra com os negros. Soube, por exemplo, que êstes já haviam desbaratado tropas de soldo, bem armadas e bem comandadas. Veio-lhe, talvez, a idéia de ir à sua terra procurar gente mais capaz, principalmente mobilizar um grupo de oficiais mais em dia com os novos processos da arte de guerra, homens da sua confiança, que lhe não deixassem ficar em plano inferior ao de oficiais de outros corpos que, com tôda a certeza, lhe seriam fornecidos pelo govêrno geral para a guerra contra os negros. Possivelmente naquela ocasião se lhe agregou, além de outros, aquêle coronel Antônio Cubas, de que fala um dos documentos da tese de Barbosa Lima.

Quem sabe se não foi nessa ocasião que êle se casou com D. Jerônima Cardim Frois?

E por que silenciam inteiramente os dois governadores citados sôbre a descida de Domingos Jorge Velho do Piauí, e só se referem à saída de S. Paulo? Porque, talvez, não tivessem conhecimento dela. O Piauí pràitcamente não existia para as autoridades. Isto aqui era simplesmente o "alto sertão do S. Francisco", o "sertão de Rodelas", de "Cabrobó".

c) — As patentes do Mestre de Campo e de seus capitães não mencionam tribus do solo piauiense. Mas êle próprio o fêz em dois documentos. Num requerimento que em seu nome e "em aquêle de todos os oficiais e soldados do

terço de infantaria sampaulista" dirige ao Rei, diz textualmente na cláusula 13: "Que estando êle dito Mestre de Campo e todos os seus companheiros, com tôda a sua gente, habitando, povoando e cultivando as terras do rio dos Camarões, no reino do Gariguê, conquistadas por êle sôbre o gentio bravo e indomável, tendo agregado a si e domesticado quantidade de Tabajaras, Oruazes e Cupinharoens, em as quais terras êle suplicante e os mais viviam já quieta e pacificamente... foi êle chamado e requerido da parte de V.M. pelo Governador João da Cunha Souto-Maior que descesse abaixo com tôda a sua gente a fazer esta guerra..." Na carta autógrafo de 15 de julho de 1694, Domingos Jorge Velho, falando da atuação de suas tropas na guerra dos Palmares, escreve: "... sem os tais índios, Senhor, da casta dos oruazes e cupinharoens, como são os meus, se não pode fazer a guerra desta qualidade... São tão valentes, afoitos e constantes na batalha que nenhuma outra nação no mundo, se os iguala, não os excede".

Ora, os aruazes e cupinharós são tribus genuinamente do solo piauiense. Não se tem notícia delas fora, a não ser nesta empreitada do velho bandeirante paulista. Seu testemunho é, pois, categórico, incisivo, irrefutável. Domingos Jorge Velho teve, no seu terço, índios do território do Piauí. É êle próprio quem o diz, elogiando-os, aliás.

d) — Barbosa Lima Sobrinho estranha que os capitães das entradas de exploração do Parnaíba, entre 1676 e 1679, não tenham feito referência ao terço paulista que estaria na barra do Potí e nas margens adjacentes do Parnaíba.

Não me parece difícil a resposta. O Mestre de Campo não estaria alí na época em que êles passaram. Não temos dados para a localização do seu arraial naquelas paragens. Os documentos que conhecemos dizem que êle esteve durante muito tempo, pelo menos 16 anos, em luta encarniçada contra o gentio bravo, comedor de carne humana. Tal gentio, no Piauí, era de corso. A guerra tinha forçosamente que ser uma guerra de movimento: bater o índio onde êle estivesse e procurá-lo nas suas escapadas. E sabemos como êle se deslocava com incrível rapidez.

e) — Não vale também a alegação de que, se Domingos Jorge Velho tivesse estado durante tanto tempo nas margens do Potí, estas deveriam ter ficado desimpedidas do gentio bravo, quando a verdade histórica é que a região do Potí foi das últimas conquistadas ao selvícola. O próprio Barbosa Lima reconhece que as vicissitudes da conquista do Piauí foram tremendas. O selvagem não cedia com facilidade. Batido várias vezes, sempre voltava a atacar os mesmos redutos. O depoimento do Pe. Miguel do Couto, que visitou o Piauí em 1689, faz referência a Gregório de Barros, estabelecido com sua fazenda de gado no Gurguéia, e que vivia em luta valorosa com os terríveis PRECATÍSES, do vale do Uruçuí. Ora, se o índio voltava assim, com tanta intermitência, a assaltar uma terra conquistada e poderosamente defendida, não nos deve causar mossa o fato de que ao se retirar o bandeirante para Palmares, abandonando tudo, como refere, o selvagem indômito se tenha assenhoreado, novamente, da terra, criando embaraços aos exploradores que vieram depois. Mesmo porque "o caminho que parecia fácil e accessível numa primeira expedição, tornava-se pouco depois intransitável, num sertão dominado pelo gentio de corso, ou por tribus irrequietas e caminheiras. Acontecia que a tribu não estava naquela região, no momento da expedição, e que depois dela se mudara para lá. Quando vinham os novos viajantes, convencidos da facilidade da passagem, encontravam o caminho fechado e não poucos foram os que pagaram com a vida o preço dessa verificação". (4)

f) — A extensão descomunal da sesmaria pedida nas margens do Potí e do Parnaíba também não nos deve escandalizar. A coisa era assim naquele tempo. Não havia cartas geográficas para verificação. Os requerentes eram por demais afoitos. Barbosa Lima cita o exemplo daquele João Peixoto Viegas que em 1662 pedia, na ribeira de Mamanguape, "tôdas as sobras de terra que estivessem devolutas e despovoadas, junto das ditas terras que possui, até entestar com outros éreos". Outro requerimento trazia a observação curiosa: "Não dá as dimensões". Já se sabe: era todo o ter-

---

(4) O Devassamento do Piauí, pág. 106.

ritório de um Estado que se pedia de uma só penada. "Os governos não conheciam a geografia do país. Opinavam ou decidiam em face de alegações dos pleiteantes, que muitas vezes tinham interêsse em reivindicar limites imprecisos para as sesmarias, afim de que pudessem ampliá-las, na realidade, até onde chegasse a tolerância dos posseiros e dos governos". (5)

E foi precisamente por causa da imprecisão de dimensões da sesmaria requerida, no Piauí, pela viúva de Domingos Jorge Velho, que o Rei lhe negou confirmação. A Carta Régia de 25 de dezembro de 1710, dirigida ao Governador de Pernambuco, Sebastião de Castro e Caldas, dizia: "... e porque nela não se observou a ordem passada sôbre estas sesmarias, pois não se declara quantas léguas de terra se contam desde a fonte do rio dos Camarões até a entrada que faz no Parnaíba, nem desta para baixo. Me pareceu não deferir a esta confirmação; porém, visto como os suplicantes foram beneméritos pela guerra que fizeram,

Hei por bem de lhes permitir que cada um per si peça sesmaria separada dentro da quantidade que permitem as minhas leis; assim vos ordeno lhas concedais, sem embargo de ser passado o tempo, segundo as minhas novas ordens para se poder deferir a confirmação de cada um".

Continuaremos, pois, a acreditar na primasia de Domingos Jorge Velho na exploração do solo piauiense. Lutou mais de dezesseis anos, em nossa terra, contra o gentio bravo.

Que tribus o enfrentaram? Não sabemos ao certo. Possìvelmente as que estavam nas margens do Potí, na sua rota de penetração para o vale do Parnaíba. É preciso também levar em consideração que as duas únicas tribus piauienses por êle nomeadas nos documentos acima citados, — os Aruazes e os Cupinharós, assistiam, comumente, no território que hoje constitui os municípios de Valença e de Oeiras. Parece, pois, fora de dúvida que também por lá andou o Mestre de Campo dos Paulistas.

De 1674 para diante os nossos selvícolas começaram

---

(5) O Devassamento do Piauí, pág. 133.

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

a ser molestados por novas agressões dos brancos, que agora vinham de várias direções.

Tribus rebeladas no sertão do S. Francisco trouxeram até aqui, no seu encalço, os guerreiros da Casa da Torre.

Historiemos os fatos. Desde 1674 que reinava grande inquietação entre os índios daquela região. Em 1675 os Gueguês, como demônios, caíram sôbre os currais de gado que se espalhavam numerosos dos dois lados do rio S. Francisco Numa só noite de incursão mataram oitenta e cinco pessoas entre brancos e negros. A repressão, pronta e enérgica, não se fêz esperar. Capitaneavam-na Francisco Dias de Ávila e Domingos Rodrigues de Carvalho. Depois de várias escaramuças, sem grandes resultados, por causa da extrema mobilidade dos selvagens, a expedição conseguiu apanhá-los de jeito, na altura da barra do rio Salitre, desbaratando-os fragorosamente. Para escaparem ao extermínio certo, os Gueguês atravessaram o rio, em retirada. Perseguidos de perto, foram seis ou sete dias depois batidos, novamente, já na fronteira do Piauí. Então, sob a condição de que se lhes poupária a vida, muitos se renderam. "Mas os portugueses, depois da entrega das armas, os amarraram e daí a dois dias mataram a sangue frio todos os homens de guerra, em número aproximado de quinhentos, reduzindo à escravidão as suas mulheres e filhas". Isto se passou no ano de 1676.

Perseguindo o resto dos Gueguês em retirada, é nessa ocasião que pisa o solo piauiense um dos capitães e companheiro de conquista de Francisco Dias de Ávila, Domingos Afonso Sertão. Êste homem é sem dúvida alguma a figura principal do desbravamento e colonização de nosso solo. Conquistando o terreno, em ásperas lutas, ao gentio bravo, nêle instalou 30 fazendas de gado que constituiram o primeiro esfôrço sério de povoamento do Piauí.

Daí por diante não houve mais tréguas na luta com o selvagem.

Em 1679 os Tremembés haviam fechado o caminho que ligava o Maranhão ao Ceará, na zona da costa. Faziam mais: matavam os pobres náufragos que, escapando às águas, buscavam salvação e refúgio nas ilhas do delta do Parnaíba.

Contra êles foi enviada a expedição de Vital Maciel Parente. Os selvagens foram surpreendidos nalgum ponto da costa do lado do Piauí, e fàcilmente desbaratados. Mas o branco civilizado enodoou a vitória com um ato repugnante de selvageria: consentiu que os índios aliados exterminassem brutalmente as criancinhas tremembés aprisionadas. É o próprio Governador, Inácio Coelho da Silva, que relata o nefando crime, em carta, para o príncipe regente: "Os índios aliados, travando das criancinhas pelos pés, mataram-nas cruelmente, dando-lhes com as cabecinhas pelos troncos das árvores; e de uma maloca de mais de 300, só escaparam 37 inocentes".

Mas os tremembés não foram reduzidos pelas armas. Os que fugiram de Maciel Parente, refugiaram-se nas matas e algum tempo depois voltaram a hostilizar os brancos com mais fúria ainda. Nova expedição vai mandada contra êles em 1701, sob o comando do sargento-mór José de Morais Navarro. Não há notícia de que esta expedição tenha cumprido a sua missão.

De 1712 para 1713 houve o levante geral de todos os tapuias do norte. Desta vez os selvagens obedeciam à orientação de um índio perigoso, que se chamava Manú-Ladino. Não era um bárbaro na expressão da palavra: havia sido educado pelos Padres da Companhia de Jesus. Inteligente, astuto e vingativo, Manú-Ladino mobilizou as tribus rebeladas, dividindo-as em guerrilhas, e passou a hostilizar os brancos do lado do Maranhão. Tais foram as suas tropelias que o govêrno resolveu intervir. Despachou contra êle uma expedição sob o comando do Mestre de Campo Antonio da Cunha Souto-Maior. Ardiloso como era, Manú-Ladino armou uma cilada aos brancos expedicionários, e a executou com admirável precisão. Por intermédio de seus lugares-tenentes, logo depois de iniciada a luta, conseguiu entrar em negociações com os índios da expedição, sublevando-os. E num dia determinado, os índios rebelados mataram, a traição, o cabo Thomás do Vale e todos os soldados que o acompanhavam. Escapou apenas um para dar a notícia do massacre ao Mestre de Campo, que ficara no arraial.

Depois do insucesso desta expedição, os índios amotinados cresceram em ousadia nos seus assaltos às fazendas e engenhos em uma e outra margem do Parnaíba, estendendo as suas tropelias até à zona do Itapicurú. Dois anos depois marcharam contra êles duas expedições: uma do Maranhão, sob o comando de Francisco Cavalcante de Albuquerque, e outra do Piauí, sob o comando do Mestre de Campo Bernardo de Carvalho Aguiar. As duas fôrças fizeram junção no sítio Iguará, do lado do Maranhão, e iniciaram a luta esmagando a tribu dos Aranhís. Seguiu-se logo após a derrota de outras tribus confederadas. Manú-Ladino morreu afogado no Parnaíba, quando, procurando escapar à perseguição que lhe moviam, atravessava para o lado do Piauí.

A guerra continuou, porém, encarniçada no território piauiense ainda durante alguns anos. Mas aquela fibra de ataque de nossos índios tinha sido quebrada em tôda a linha. A ação enérgica, e muitas vezes desumana, dos Mestres de Campo e dos proprietários particulares de fazendas de gado, tinha aniquilado, definitivamente, as confederações de selvagens. Sucedem-se as rendições e os aldeiamentos das tribus, umas vezes sob a ameaça das armas dos Mestres de Campo e dos preadores de índio, outras vezes ao simples apêlo pacífico dos missionários, ou de alguma autoridade compreensiva e humanitária que com êles negociava.

Em 1722 os Tremembés são reduzidos e aldeiados pelo Pe. João Tavares, da Companhia de Jesus. Pouco depois se rendem os Cupinharós ao Mestre de Campo Bernardo de Carvalho Aguiar. Outros o fazem a Francisco Xavier de Brito que tinha a seu cargo o arraial de Garcia de Ávila Pereira, no Gurguéia. Outras tribus são pacificadas e se agregam ao arraial do bandeirante paulista Francisco Dias de Siqueira, nas proximidades de Oeiras. Os aruazes se submetem, em 1726, ao capitão Francisco de Almeida.

Começa, então, a longa e penosa fase de assimilação do selvagem à civilização. Os ataques que vierem depois serão ataques esporádicos, de tribus inassimiláveis, em pontos isolados e em circunstâncias que, bem pesados os prós e os contras, seríamos forçados a dar razão ao índio, e não ao

branco. Mas na época em que os fatos sucederam, e no local em que se desenvolveram, os índios eram bichos do mato, que se podia escravizar quando apanhados no campo de batalha, e que se podia matar, quando pilhados roubando o gado das fazendas. Êles foram as pobres vítimas de um choque de culturas. Amando em extremo a sua liberdade, reagiram violentamente quando perceberam a intenção do branco de escravizá-los. Para desagravarem aquilo que supunham ser a sua honra ofendida pelo injusto agressor, agrediram, e cometeram inúmeras atrocidades. Mas, porventura, teriam sido maiores e mais requintadas do que as que sofreram por parte do seu contendor, o branco civilizado ? A história diz que não.

Sem terem uma noção do direito de propriedade, tal como a entendiam os brancos, matavam para comer algumas rêses que apanhavam no mato. Não faziam a mesma coisa com os veados, os caietús e as pacas ? Porisso eram caçados como ladrões para os quais não havia cadeia, porque havia coisa muito mais prática e sumária: o espingardeamento, pura e simplesmente.

ÚLTIMA FASE DA CONQUISTA

Quando vai criada a Província, e lhe chega o primeiro governador, a situação de segurança, se não era ideal, estava pelo menos muito longe de se assemelhar à da primeira fase da conquista. Os índios, na sua maioria já aldeiados, viviam pacìficamente a cuidar de suas lavouras. Um ou outro caso de roubo de gado das fazendas não constituia prìpriamente uma ameaça à paz da Capitania. O ódio do branco ao selvagem, porém, haveria de exagerar aquêles casos ao extremo, pura que fossem criados pretextos de novas guerras e matanças.

João Pereira Caldas, primeiro Governador do Piaui, encarregado por Sua Majestade de proteger os índios contra os Jesuitas, inicia a sua gestão com um pedido singular: fazer uma **guerra ofensiva** aos seus protegidos. Em ofício de 30 de setembro de 1759 se queixa de que "algumas nações de gentio afligem incessantemente uma grande parte desta

consternada capitania, assaltando fazendas, escalando as casas delas e matando tôda a gente que encontram". Pede licença para fazer-lhes guerra ofensiva e permissão de empregar nela os índios aldeiados da Serra da Ibiapaba. Havia exagero por parte de João Pereira Caldas. O caso era que alguns Acoroás e Gueguês, premidos pela fome, mataram alguns bois das fazendas vizinhas aos seus aldeiamentos, na zona do Gurguéia. Surpreendidos, foram espingardeados pelos vaqueiros das respectivas fazendas; revidaram ao ataque, do que resultou algumas mortes, de ambos os lados. Não havia pois motivo para uma guerra ofensiva contra os selvagens, tanto que o Conselho Ultramarino a desaprovou, sugerindo que se fizessem, apenas, as diligências particulares que o caso comportava. Quando muito, uma guerra defensiva. Pereira Caldas insistiu: queria uma guerra ofensiva. Isso, pelas leis em vigor, significava guerra geral, escravização legal dos prisioneiros. Ora, a primeira Carta Régia que o Governador recebera lhe inculcava coisa muito diferente. Êle deveria secundar os esforços do Desembargador Francisco Marcelino de Gouveia, encarregado por S. Majestade de executar inviolàvelmente, na Capitania, as leis de 6 e 7 de julho de 1755, que restituiam aos índios "as liberdades de suas pessoas, bens e comércio". O rei mandava que se repartissem aos índios as terras competentes para a sua lavoura e comércio "nos distritos das vilas e lugares que de novo deveis exigir nas aldeias que hoje têm e no futuro tiverem os referidos índios".

Mas a mesma Carta Régia que assim parecia tão interessada no bem-estar e na felicidade dos indígenas, incluía uma cláusula odiosa e sobremodo prejudicial aos mesmos: "Não permitireis, por modo algum, que os Regulares (isto é, os Jesuítas), que até agora se arrogaram o govêrno secular das ditas aldeias, tenham nelas a menor ingerência". Aqui bate o ponto principal da questão. Era preciso tirar os padres das aldeias, afastar dos índios os seus verdadeiros protetores, e confiá-los a burocratas do Estado que teriam tanto interêsse em protegê-los como em escravizá-los. A Carta Régia dizia que o Governador deveria entregar o govêrno

das aldeias às pessoas que lhe parecessem mais idôneas. Nós sabemos pela história, quem foram estas pessoas idôneas que substituíram os Regulares nas aldeias, e o que fizeram em benefício dos selvagens. Os Tremembés, por exemplo, privados dos seus antigos protetores, viram as suas terras confiscadas por aproveitadores, que para esbulhá-los nos seus direitos, tiveram a complacência daquelas "pessoas idôneas" que o Governador nomeara para protegê-los. A mesma sorte tiveram os Acoroás, também aldeiados pelos Jesuítas na zona de Parnaguá. Contra êles se fizeram muitas provocações para que reagissem, e a sua reação justificasse a guerra que lhes queriam mover certos interêsses inconfessáveis. Não esquecer também que para ajudarem os brancos nessa guerra foram recrutados os índios da Serra da Ibiapaba, de há muito aldeiados pelos Jesuítas, e que lá pacìficamente se entregavam ao amanho e aproveitamento de sua terra.

É nessa altura dos acontecimentos que aparece uma das mais sinistras figuras da história da conquista — o Cel. João do Rêgo Castelo Branco.

João Pereira Caldas, quando assumiu o Govêrno, trazia ordem para organizar na Capitania um Regimento de Cavalaria Auxiliar "composto de 10 Companhias de 60 praças cada uma, incluídos os oficiais". Os postos de Tenente-Coronel, Capitães, Tenentes e Alferes, seriam preenchidos por pessoas escolhidas "entre as mais nobres e distintas por nascimento e por costumes". Seus nomes seriam apresentados ao Capitão-General do Pará, que os indicaria ao Conselho Ultramarino para as respectivas nomeações. Em 7 de outubro de 1759, Pereira Caldas se queixava ao Capitão-General: "... mandei pôr, há bastantes dias, um edital para que tôda a pessoa que quisesse apôr-se aos postos de Ten.-Coronel, Capitães, Tenentes, Alferes e Furriéis das ditas Companhias, o podiam fazer, apresentando-me os seus requerimentos; e quando eu esperava que fossem muitos os opositores, vejo não haver até agora nenhuns; considerando-me na precisão de convidar a êstes brutos para entrarem naqueles postos, com que S. Majestade os quer honrar; asseguro a V. Excia. que estou com isto muito descontente, inferindo V. Excia., desta

ridicularia, o que é esta terra". Mais tarde êle fará a apresentação de nomes para o preenchimento dos postos de Capitão para baixo, mas tem o cuidado de frisar: "As pessoas nêles propostas são sem dúvida as mais capazes que achei para os sobreditos postos, mas não as que desejava para êles, pois, só são próprias para vaqueiros, que é o exercício ordinário dêstes sertanejos. Não proponho, por ora, a V. Excia. sugestão para Tenente-Coronel do referido Regimento por não conhecer ainda nesta Capitania pessoa com capacidade para ocupar êste posto".

A guerra contra os infelizes Acoroás e Gueguês ia abrir-lhe os olhos. Distinguiu-se nessa luta o "Capitão da Conquista do Gentio" — João do Rêgo Castelo Branco. Tais foram as suas crueldades na repressão aos pobres selvícolas que João Pereira Caldas se apressa em voltar à presença do Capitão-General para lhe declarar que havia, por fim, encontrado o homem para o posto de Tenente-Coronel do Regimento. Diz êle que "tendo notícia de João do Rêgo Castelo Branco, Capitão da Conquista do Gentio, o chamou para se informar do estado daquele gentio, sôbre o qual lhe encarregou algumas diligências, e o consolara prometendo-lhe de representar ao mesmo Senhor a sua indigência, o que fazia parecendo-lhe seria muito conveniente ao Real Serviço que êsse homem fosse provido no dito cargo".

Por esta citação se vê que o Governador já havia encarregado João do Rêgo Castelo Branco de algumas diligências junto aos índios; e êle tão bem se houvera no cumprí-las que o julgava digno de ocupar o posto de Tenente-Coronel do Regimento de Cavalaria Auxiliar. Seria, porém, preciso marcar-lhe um soldo, pois estava na indigência.

A resposta não se fêz esperar. Nela Sua Majestade louvava João Pereira Caldas pelo escrúpulo demonstrado na escolha de pessoa idônea para ocupar aquêle posto. E acrescentava: "...porém, que sendo João do Rêgo Castelo Branco tão idôneo como vm. refere, será muito bem empregado nêle o sobredito pôsto de Tenente-Coronel, ainda que se faz impraticável que êle o sirva decorosamente achando-se tão pobre como vm. diz, ou que se lhe determine soldo, com o pernicioso

exemplo que faria para requererem ao mesmo tempo todos os outros oficiais auxiliares do Brasil. Entre estas extremidades só pode haver o meio termo de ajudar vm. o dito João do Rêgo encarregando-lhe a administração de alguma das fazendas pertencentes a qualquer das duas capelas que vieram descritas no mapa de sequestro dos Jesuítas, a qual renda pouco mais ou menos a importância do soldo que poderia ter..."

Tratava-se pois de um dêsses arranjos indecentes, contra a lei, em que costumam incorrer autoridades no Brasil, para auxiliarem os seus protegidos. O mal já vem de longe, e, no caso João do Rêgo, com a agravante de ter sido sugerido de cima para baixo, isto é, do rei para o governador.

Vencidos fàcilmente os Gueguês, choveram sôbre João do Rêgo as recompensas reais. Foi-lhe concedido "o Hábito da Ordem de Cristo", com cento e vinte mil réis de terça cada ano, para êle ou para qualquer de seus filhos, em quem quisesse renunciar ou repartir a dita terça. Ordenou-se também que êle fosse louvado pùblicamente perante a Câmara reunida.

Os índios batidos foram aldeiados em S. João de Sende. De lá saíam, por ordem do Juiz de Órfãos, para uma nova variante de escravização. As pessoas que precisavam de criados para trabalharem de graça para elas, requeriam ao Juiz índios de S. João de Sende. Os despachos favoráveis a estas petições traziam a cláusula: "...com obrigação de lhes ensinar a doutrina, vestí-los e alimentá-los".

Será, porém, no govêrno de Gonçalo Lourenço Botelho que se vai revelar tôda a crueldade de João do Rêgo para com os pobres índios.

Os Acroás, batidos na guerra anterior, se haviam retirado para as proximidades do Rio do Sono, já no território de Goiás. João do Rêgo andava interessado no descobrimento de umas minas que diziam existir pr'aquelas bandas. Mas seria preciso algo que justificasse uma incursão guerreira até lá. O velho, apesar de malvado, não era bastante corajoso para se arriscar a fazer a exploração com pouca gente. Afinal de contas êle sabia que os índios todos não morriam de

amores por sua pessoa. Com muita astúcia, aproveitou um incidente, de todo em todo insignificante na época, para realizar o seu tão acariciado sonho de explorador de minas. E foi o caso que alguns gueguês, "em despique de umas ofensas antigas", mataram os vaqueiros de uma fazenda de Jerumenha. João do Rêgo não perdeu mais tempo: Foram os Acoroás os autores daquele bárbaro assassinato, declarou. Mereciam um castigo em regra. Ora, os Acoroás, como já disse anteriormente, estavam aldeiados, naquele momento, na região do rio do Sono, justamente no local onde o ambicioso coronel esperava encontrar as minas.

Por ordem do Governador, que obedecia, cegamente, a sua inspiração, foram feitos os derramas de praxe, e a expedição seguiu logo, numerosa, sob o comando do João do Rêgo, é claro, para castigar os índios assassinos.

Os pobres Acoroás, que de nada suspeitavam, foram acometidos "ao romper do dia, ao tempo em que se achavam entretidos com a sua dansa". Espavoridos, ao primeiro assalto fugiram deixando mulheres e filhas nas mãos de João do Rêgo.

Passada a hora do pânico, porém, Bruenk, chefe dos Acoroás, desceu para negociar a rendição com o agressor. Ficou assentado que êle, Bruenk, voltaria no ano seguinte para o Piauí, trazendo mais duas outras aldeias que estavam a alguns dias de viagem daquele local. Combinou-se o tempo certo dessa descida.

João do Rêgo não encontrou as minas, mas voltou muito lampeiro com a presa de guerra, os miseráveis Acoroas aprisionados sem luta.

No ano seguinte, 1772, como Bruenk não voltasse, foi despachada contra êle uma outra expedição. Antes, porém, que ela atravessasse as fronteiras do Piauí, encontrou os indígenas que já vinham descendo. Mas João do Rêgo não queria índios, e sim, minas. Deixou que os Acoroás passassem, e prosseguiu com a expedição. Arrependeu-se amargamente, porém. É que no encalço dos Acoroás vinham os ferozes Acoroás-Mirim, que obrigaram a expedição a retroceder às pressas para o solo piauiense.

Os Acoroás descidos, mais de mil, andaram à matroca, "variando de assento, com gravíssimo prejuízo seu pelas doenças e mortes que padeceram, e dos seus vizinhos, senhores das fazendas — pelos gados que lhes matavam, por se lhes não ter antecipadamente buscado sítio e dado as providências necessárias".

Afinal se estabeleceram no Sítio Mulato, hoje a cidade de Amarante. Alí continuaram a sua agonia, morrendo aos poucos de doenças, de miséria e de fome. Os auxílios que lhes chegavam de vários pontos da Capitania eram desviados pelos prepostos de João do Rêgo, que ainda ultrajavam os pobres selvagens, servindo-se bestialmente de suas mulheres. Se reclamavam, eram bàrbaramente castigados. A situação de desespero chegou a tal ponto que alguns Acoroás resolveram fugir e voltar para o rio do Sono. Coitados! mal haviam saído foram aprisionados e mortos pela gente de Joao do Rêgo. Tiveram suas oreihas cortadas e pregadas nos lugares públicos da aldeia para terror dos que não haviam fugido.

Nêsse tempo chega o principal Bruenk que havia ido ao Maranhão tratar de interêsses da tribu. "Vendo tantos castigos, tanta carniçaria, tanta crueldade e tanta vexação e violação do ajustado por aquêles mesmos homens, que em nome de seu príncipe lhes tinham segurado uma bela paz, muita fortuna e segura amizade, aos quais êle com a sua gente, deixando a pátria e a liberdade, e o pouco que tinham, se entregaram de boa fé, sem que de sua parte dessem causa atendível para semelhante tratamento, marcha até a cidade de Oeiras e se queixa amargamente ao Governador, pedindo-lhe uma satisfação do sucedido, ao menos que evitassem semelhante desordem para o futuro, e as mandasse tirar dos lugares em que se achavam pregadas as orelhas dos que se tinham mandado passar à espada sem outra culpa, que a de quererem evitar com a fuga o que já não podiam levar com paciência, e dos troncos os que se achavam presos pela mesma causa.

Não foi atendido Bruenk; retirou-se sumamente picado da desfeita, e vendo que lhe não restava outro remédio,

caminha 30 léguas, em menos de 24 horas, e na mesma noite em que chega, com todos os principais parentes, que se achavam na Missão, deixa com êles o rancho, e marchando em muitos e espalhados magotes para o mato, demandam a sua antiga morada.

Avisa o Ten.-Cel. João do Rêgo dêste acontecimento o Governador, que para o remediar, faz seguir os foragidos por diversas partidas, que expede a tôda a diligência; e o dito Coronel fica na aldeia sustentando o resto que tinha ficado daquela nação, e manda seu filho Felix e um impávido Teodósio, que se intitulava ajudante das entradas, acompanhados de alguns auxiliares, e Gueguês, seguindo o alcance dos fugitivos...; alcançando as malocas dos Tapuias, os vão passando todos a ferro, segundo a sua inclinação e ordem de seu pai o Tenente-Coronel, e não seguindo as que lhe dirigiu o Governador na carta de instrução, que determinava o contrário.

Duas façanhosas proesas e famigeradas ações se viram executadas nesta ocasião pelos grandes Teodósio e Felix do Rêgo: a primeira, muitas vezes repetida, consistiu na grande piedade que alcançaram as donzelas e meninos, que se iam encontrando em uma e outro magote dos fugitivos; porque vendo estas matar a sangue frio a seus pais, irmãos e parentes, que não resistiam, nem levavam armas de qualidade alguma, para o fazer, se humilhavam batendo as palmas das mãos, que entre êles é o modo mais expressivo de pedir misericórdia, para comoverem à ternura mas nesta mesma ação de humildade, digna da maior compaixão, se lhes traspassam os peitos até darem o último suspiro, sem lhe valerem a fraqueza do sexo e o tenro da idade, a falta de resistência, a carência de culpa e o pedirem humilde e incessantemente misericórdia". (6)

Não escapou um só fugitivo àquela caçada feroz.

Em 1776, João do Rêgo, já quase cego, ataca os Pimenteiras. Êles só serão totalmente destroçados em 1783.

---

(6) Memória Cronológica Histórica e Geográfica da Provincia do Piauí (Alencastro).

Em 1780 os Gueguês também tentam a fuga e têm a mesma sorte dos Acoroás.

Desta vez a sociedade reagiu. O ouvidor Domingos Gomes Caminha manda abrir inquérito para apurar responsabilidades. João do Rêgo assume perante o Juiz Marcos Francisco de Araújo Costa a responsabilidade dos massacres, e todos se calam. Ninguem vai castigado.

Em 1793 há o último levante de índios no Piauí. São os Tapecuás e Tapecuás-Mirim que se levantam em Parnaguá. São batidos e arremeçados para Goiás pelo Capitão Manoel Ribeiro Soares.

Desde então não houve mais luta com índios na Capitania. As tribus mais indômitas tinham sido aniquiladas; os restos das outras estavam aldeiados e definitivamente pacificados.

C O N C L U S Ã O

O problema do selvagem, no Piauí, não oferece características diferentes das que apresentou em outros pontos do território nacional. Nosso índio foi a grande vítima do civilizado. O branco tomou-lhe as terras para povoá-las a seu modo. Escravizou-o, no princípio. Cometeu contra êle graves injustiças, que o fizeram levantar-se em armas, em grandes federações tribais ofensivas e também defensivas. Tremendas represálias se praticaram, então, de ambos os lados.

Afinal o índio capitulou. Tinha que ser. Foi assim em tôda a parte. A diferença de cultura e a inferioridade de armas conspiraram contra êle.

As tribus mais aguerridas foram aniquiladas ou expulsas do nosso território. As mais fracas se acomodaram à convivência com o usurpador; disto resultou o lastro de mestiçagem, que é a base do nosso potencial étnico, ainda em franco processo de caracterização.

Não houve, porém, fora do Piauí, um outro João do Rêgo Castelo Branco, nem coisa que se lhe assemelhasse.

Rendamos, pois, sincera homenagem à bravura inexedível dos nossos índios, interessando-nos mais vivamente pela sua história, que é o princípio de nossa história.

Muitos elementos necessários para um conhecimento mais profundo dos nossos selvagens, seus costumes, seu grau maior ou menor de desenvolvimento, tais como sejam armas, utensílios, adornos, ainda jazem escondidos no subsolo. Implementos soterrados em S. Raimundo Nonato, por exemplo, muito nos poderão dizer dos Pimenteiras. Há, no Estado, outras zonas privilegiadas como aquela, e que devem encerrar no seu bojo verdadeiros tesouros de etnografia indígena. Apareçam, pois, os estudiosos e os pesquisadores. O campo é vastíssimo e inexplorado.

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

BIBLIOGRAFIA

Para a feitura dêste ensaio de monografia indígena foram utilizados os seguintes elementos:

Documentos inéditos da Estante I (Capitania), do Arquivo Público do Piauí.

"Devassamento do Piauí" (Barbosa Lima Sobrinho).

"Memória Cronológica, Histórica e Geográfica da Província do Piauí".

"História do Piauí" (José Martins Pereira de Alencastre).

"História Geral das Bandeiras"—Tomo VIII (Afonso de E. Taunay).

"Capítulos de História Colonial" (J. Capistrano de Abreu).

"As Guerras nos Palmares" (Ernesto Ennes).

"Revista do Instituto Geográfico e Histórico Piauiense" —Tomos I e II.

"História da Companhia de Jesus no Brasil"—Tomo III (Serafim Leite).

"Formação Histórica da Nacionalidade Brasileira"—(Oliveira Viana).

"Pernambuco e o São Francisco (Barbosa Lima Sobrinho).

"O Vale do São Francisco" (Luiz Flores de Morais Rêgo).

"Cronologia Histórica do Estado do Piauí" (F. A. Pereira da Costa).

"O Vale do Parnaíba" (Gayoso e Almendra).

Livraria Brasileira 11/12/92
Rio de Janeiro

Êste trabalho foi confeccionado nas oficinas da

GRÁFICA MODERNA LIMITADA

RUA ALVARO MENDES N.º 1218

TERESINA — PIAUÍ